



REDE SUL E ILHAS

PROVA DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS PARA ACESSO AO ENSINO SUPERIOR POR ALUNOS DE CURSOS DAS VIAS PROFISSIONALIZANTES

2025/2026

PARTE A -

LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS

GRUPO I

Leia atentamente o texto que se segue.

- Uma das minhas maiores humilhações públicas (e poderíamos discutir se toda a humilhação é pública ou se, por hipótese, haverá a categoria de humilhação solitária ou sem testemunhas) aconteceu por causa de uma palavra que nem sequer existia. Daí, de não existir e de ser proferida com a arrogância de quem se servisse de uma palavra milenar, veio a humilhação. *Padrado* era a palavra. Foi numa aula na faculdade — recordo a configuração da sala, a disposição das mesas, o lugar que eu ocupava, a postura do professor — e eu queria um substantivo coletivo que aviltasse o clero, o reduzisse a uma corja, a uma súcia, e, de improviso, não me saiu melhor que *padrado*. O professor, que há muito me tinha em ponto de mira, não perdoou: «isso não existe. Se queremos ser irreverentes ao menos que seja em bom português.»
- Corrigido à vista de todos, comportei-me como um animal acossado e defendi a minha palavra. Resisti, o que só aumentou o gozo do professor. Depois da aula, fui à biblioteca, procurá-la nos dicionários. Não estava lá, mas nem assim eu queria admitir. Os colegas, com dó e vergonha alheia, recomendavam-me que depusesse as armas. Perdera a batalha. Não. Impossível. E continuei à procura. Ainda hoje, compulso dicionários na esperança de encontrar um que me dê razão. Um que reconheça a palavra que me humilhou. *Padrado*.
- (...)
- As palavras não me trouxeram apenas vergonha e desonra. Por vezes foram motivo de orgulho. Certa vez, creio que no sexto ano, usei o verbo «incumbir» num teste de português. Ao deparar-se com a palavra, a professora, de uma exigência jesuítica, reagiu com um misto de surpresa, incredulidade e maravilhamento que ainda permanece comigo: a palavra é capaz de dobrar o espírito mais inflexível. «Onde é que eu teria ido buscar aquele verbo?» era a pergunta que o espanto da professora denunciava. Isso eu não queria dizer.
- Tinha lido a palavra numa daquelas publicações apocalípticas das Testemunhas de Jeová. Porém, o que me impedia de o assumir não era apenas a timidez de origem religiosa.



Reconhecer que a tinha lido em algum lado e que tinha feito questão de a usar, mesmo que corretamente e a propósito, tornava-me num traficante verbal, num contrabandista de vocábulos. Eu queria dizer à professora: «Fui eu que a inventei.» Ela diria: «Mas esta palavra existe mesmo.» E eu: «Não é maravilhoso? Inventarmos o que já existe?»

30 (...)

Cada um de nós cria o seu próprio idioleto, um sistema de referências que só pode ser plenamente compreendido pelo próprio. Nesse idioleto misturam-se expressões idiomáticas e corruptelas, regionalismos e arcaísmos, palavras herdadas, palavras adquiridas. Algumas colhemo-las das folhas de um dicionário — *ónagro*, por exemplo —, de um livro — *metempsicose* é a primeira que me vem à cabeça, roubada a Camilo Castelo Branco —, de uma entrevista de um treinador de futebol — *abúlico, amorfo, sumidade*, só para citar alguns casos de palavras que aprendi em jornais desportivos —, ou do nosso quotidiano. A minha avó materna, alentejana de Montalvão, aldeia do concelho de Nisa, usava um manancial de expressões com as quais cresci e que durante muito tempo julguei serem do conhecimento de todos os falantes da língua. Só mais tarde percebi que estar em *lidas, aramices, derrengado, mal-enjorcado, arrelías*, eram marcas de pertença a uma comunidade, o cordão umbilical que ligava a minha avó à terra de onde viera. Enquanto palavras como *incumbir* eram adquiridas, as palavras ouvidas no dia-a-dia — *cheirete* era uma delas — corriam-me no sangue.

45 Com umas e outras — e até com palavras inventadas: *padrado*, meu bom *padrado* — formamos a nossa constelação de significados, escrevemos a nossa história, avançamos da infância para a idade adulta, da casa para o mundo, da palavra dita para a palavra escrita, da voz da avó com sotaque de Montalvão para os livros repletos de palavras cujo significado ela por certo desconhecia: *ignoto, éreo, ígneo, ebúrneo, absorto, pletórico*. Eu sou essas palavras e outras, fios que me ligam a mim mesmo: *gandulo, caga-tacos, sete-vidas, bicuatas, calundus, ungido, desmancho, nascido*. E quando as escrevo, palavras antigas e, ao mesmo tempo, virgens, para que outros as leiam é como se lhes dissesse: 50 «Tomai, comei, estas palavras são o meu corpo.»

Bruno Vieira Amaral, “Cada escritor inventa a sua língua — Sete histórias breves sobre palavras”, in *Todas as Palavras que hão de vir*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2021 (pp.37-39)

https://impresnanacional.pt/?w3n_livros_pdf=todas-as-palavras-que-hao-de-vir

1. Assinale com um X a alternativa que completa o sentido de cada afirmação, considerando o conteúdo do texto lido.

1.1. O autor afirma que se sentiu humilhado numa aula (1.º parágrafo) porque usou

- ☐ (A) uma palavra que não era adequada.
- ☐ (B) uma palavra inexistente no dicionário.
- ☐ (C) uma palavra ofensiva.
- ☐ (D) uma palavra cujo significado desconhecia.

1.2. O autor refere ter usado a palavra “padrado” (l. 5) para

- ☐ (A) mostrar que conhecia uma palavra erudita.
- ☐ (B) evidenciar a sua criatividade como escritor.
- ☐ (C) designar o clero de forma depreciativa.
- ☐ (D) evitar uma humilhação pública.

1.3. O excerto “há muito me tinha em ponto de mira (...).” (l. 8) indica que o professor

- ☐ (A) ignorava o autor.
- ☐ (B) estava aborrecido com o autor.
- ☐ (C) desejava reprovar o autor.
- ☐ (D) tinha o autor sob vigilância.

1.4. Na frase “Um que reconheça a palavra que me humilhou.” (l. 15), a palavra destacada refere-se

- ☐ (A) ao professor.
- ☐ (B) a um colega.
- ☐ (C) a um dicionário.
- ☐ (D) a um significado.

1.5. Ao usar o verbo “incumbir”, o autor sentiu-se um “traficante verbal” (l. 26) porque

- ☐ A) o verbo não fazia sentido no contexto.
- ☐ (B) o verbo foi inventado por si.
- ☐ (C) copiou o verbo que lera em outro texto.
- ☐ (D) o verbo não foi escrito corretamente.

1.6. Segundo o autor, muitas expressões usadas pela sua avó materna (l. 36 e seguintes) eram

- ☐ (A) conhecidas de todos os falantes de português.
- ☐ (B) compreendidas só por ela.
- ☐ (C) incompreensíveis para as crianças.
- ☐ (D) reveladoras da sua ligação à terra em que vivia.

2. Numere as frases de 1 a 5, de acordo com a ordem pela qual as informações são apresentadas no texto.

- (a) O autor exemplifica como o domínio do vocabulário pode ser motivo de orgulho pessoal. ____
- (b) O vocabulário individual é uma manta de retalhos feita, também, dos ambientes familiares e sociais de cada um. ____
- (c) Recorrendo a um exemplo pessoal, o autor mostra como uma palavra pode ser uma memória traumática para toda a vida. ____
- (d) O autor assume que, nas palavras que escreve, partilha o seu eu com o leitor. ____
- (e) Determinado em defender a sua honra pessoal, o autor socorre-se de meios para tal. ____



3. “Os colegas, com dó e vergonha alheia, recomendavam-me que depusesse as armas. Perdera a batalha. (ll. 12-13)

Numa resposta breve, explique o sentido **do excerto**, tendo em conta o texto.



GRUPO II

1. Considere a seguinte afirmação:

O texto demonstra que as palavras são como uma manta de retalhos que entretece a nossa história pessoal, construída de memórias mais ou menos felizes.

Redija um texto bem estruturado, com um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras, sobre esta temática. Apresente, no mínimo, dois argumentos com exemplos significativos para justificar a sua opinião.

This image shows a full page of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page, typical of notebook paper. There are no margins, text, or other markings on the page.

[illegible]

COTAÇÃO

Grupo 1	Questão	Pontos
	1.1	5
	1.2	5
	1.3	5
	1.4	5
	1.5	5
	1.6	5
	2.	10
	3.	10
Grupo 2	1	50